



REFLEXÕES SOBRE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

João Carlos Corso

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO

Apresentação

Prezados educandos, este material é elaborado para possibilitar a ampliação das discussões da disciplina de Filosofia da Educação II, do curso de Pedagogia a distância da Unicentro. Tem por objetivo principal pensar as filosofias que ancoram o processo educacional na história da educação brasileira.

O foco não é a história da educação, mas as ideias filosóficas que dão suporte para determinadas práticas educacionais.

Parte-se da filosofia Cristã que se relaciona com a educação Jesuítica e de outras ordens religiosas, presentes principalmente no período colonial. Ela era hegemônica e a principal configuração do pensamento educacional.

Vê-se a introdução da filosofia Positivista, a partir do século XIX, as ideias liberais e o modo como afetam a educação no Brasil.

A Escola Nova, com os ideários formulados por Dewey, mas com influência de Rousseau.

Ainda, analisam-se as correntes mais progressistas, que influenciam o pensamento marxista. Paulo Freire e Saviani são autores desta perspectiva, mas também relacionados ao movimento anarquista.

Por fim, trata-se de algumas perspectivas que têm foco não tanto na aplicação pedagógica, mas na desconstrução, no questionamento. Aborda-se Nietzsche, Foucault e Morin.

Um pouco de história

Figura 1 - Índícios históricos



Fonte: Pixabay.

As concepções filosóficas de educação significativas na história da educação no Brasil começam com os Jesuítas, durante o período colonial. Isso não significa que não há pressupostos de pensamento educacional nas culturas pré-colonização, principalmente os que possibilitam a convivência entre as comunidades indígenas e entre elas e a natureza. Mas ocorre que as memórias do período ficam apenas na oralidade, o que dificulta estudos mais aprofundados sobre o tema.

Sobre esse tema ver:



Figura 2 - Indígenas



Fonte: Pixabay.

Para aprofundar mais sobre a história indígena, ler:



Retomando a discussão sobre os Jesuítas e sua compreensão de educação ressalta-se que utilizam a *Ratio Studiorum*, o sistema educacional baseado nos princípios do aristotelismo-tomismo. Neste sentido, submetem a filosofia aos ditames da teologia e valorizam a retórica, por meio de disputas lógicas. Dão mais ênfase aos elementos teológicos tendo por finalidade o ensino da doutrina cristã. Objetivam formar o homem para Deus.

A interpretação que Tomás de Aquino faz sobre Aristóteles possibilita maior embasamento filosófico ao Cristianismo, por meio de argumentos lógicos e racionais. De certo modo o tomismo batizou Aristóteles, tornando inofensivo e legitimando o cristianismo.

Tomás de Aquino entende que o homem tem racionalidade e que está é educada para contribuir com a ordem natural. A educação disciplina e prepara o sujeito para produzir boas ações.

Outra concepção de educação que marca a história da educação do Brasil é a Liberal, que dá seus primeiros passos a partir do momento em que os Jesuítas são expulsos do Brasil.

No período Imperial, o pensamento liberal concebe uma educação para os filhos da elite e outra, muito insignificante, para os filhos dos mais pobres. No final do período, o positivismo aparece no cenário educacional. É o caso da Escola do Recife. Os ideais de Comte são a filosofia predominante na educação brasileira. Na República, a filosofia que mais influencia a educação é o positivismo, uma reação ao idealismo teológico e metafísico, priorizando a racionalidade.

Benjamin Constant é um dos intelectuais positivistas. É o responsável pela primeira reforma da educação pública do Brasil.

Se você quer saber mais sobre esse personagem veja:



Porém há outras concepções de educação importantes no período republicano. Uma delas é a educação católica, pois como o Estado não leva instrução a todos lugares a Igreja católica, por meio das congregações religiosas, dá formação à inúmeras pessoas.

A Igreja sempre atuou no meio educacional e, no século XXI, ainda tem diversos colégios particulares e estabelece convênios com o Estado. Mesmo com a expulsão dos Jesuítas, outros grupos como Franciscanos, Vicentinos e Salesianos continuam a atuar no meio educacional.

Os Jesuítas são expulsos de Portugal e do Brasil em 1759, pelo Marquês de Pombal. Esse ato do governo de Portugal visa substituir os ideais religiosos dos Jesuítas pelos ideais racionalistas e científicos do Iluminismo, principalmente por meios das concepções liberais.

Os colégios Jesuítas são substituídos por aulas régias, com predomínio de uma visão iluminista e com caráter mais prático. Embora a reforma pombalina traga um caráter mais empírico à educação, assim como a tirou das mãos da Igreja e passa ao Estado, na prática o que predomina é uma educação liberal, mas de caráter tradicional. Mesmo com a chegada da corte portuguesa no Brasil, em 1808, não ocorrem muitas mudanças na forma de pensar a educação.

A partir da década de 1920, as ideias de Dewey começam a ser lidas no Brasil e a sua recepção é significativa, gerando um repensar da prática escolar tradicional.

Também é importante a influência dos anarquistas na primeira República. Esse movimento não vê o Estado como algo positivo, mas como opressor. Do mesmo modo os anarquistas compreendem toda forma de hierarquia como algo a ser combatido. Destaca-se que entendem a educação de modo crítico. São importantes na organização dos operários, principalmente em São Paulo, e pensam a educação na perspectiva autogestionária.

No período Vargas a educação ainda é marcada pelo positivismo, mas também é influenciada pelo marxismo. Com a criação do partido Comunista o marxismo possibilita novas críticas à educação tradicional e pensa como a educação contribui para efetivar mudanças na sociedade.

Também é importante, no período, a elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, com forte influência das ideias de Dewey, de Durkheim e de autores marxistas.

Um dos pontos fortes do manifesto tem relação com o conflito que ocorre entre os intelectuais escolanovistas e outros que defendem a laicização da educação e os católicos que eram contra.

No período da democratização (1945), após o fim da ditadura Vargas, a educação enfrenta vários debates: escola pública x escola privada; ensino religioso x ensino laico.

Na época, Anísio Teixeira, Fernando Azevedo e Lourenço Filho continuam a pensar a Escola Nova, ligados ao pensamento pragmático de Dewey enquanto Florestan Fernandes prega a educação como meio de transformação a partir da perspectiva marxista.

Já no final dos anos 50 a Igreja Católica e os movimentos sociais, principalmente alguns com ligação com a perspectiva marxista, defendem as mesmas coisas: conscientização sobre a realidade brasileira e construção de uma educação popular, principalmente visando alfabetizar crianças, jovens e adultos.

Neste contexto Paulo Freire destaca-se ao propor um método de alfabetizar adultos. Faz forte crítica à educação tradicional e propõe uma educação que liberte. A teoria de Freire é conhecida como Educação Libertadora.

Após o golpe Militar de 64 a educação sofre um grande retrocesso, pois além da censura, da proibição de materiais, livros considerados subversivos, entre eles o livro de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, algumas disciplinas são eliminadas como o caso da filosofia e da sociologia.

Durante a ditadura militar implanta-se uma tendência liberal tecnicista, visando a formação básica e, principalmente, a formação de mão de obra qualificada para o mercado.

No período final da ditadura militar, a perspectiva da educação libertadora volta à tona, tornando-se inclusive elemento teórico que colabora na luta pelo fim do regime autoritário. A própria Igreja Católica adota a metodologia de Paulo Freire nos trabalhos pastorais visando a conscientização e organização de novos movimentos sociais, bem como a reorganização da sociedade civil (sindicatos, partidos, etc.).

Também nos anos 80 ressurgem a perspectiva libertária, tendo como referência a Escola de Summerhill e a metodologia não diretiva de Neill. A educação tradicional é alvo de críticas significativas.

No período de reabertura democrática, com a promulgação de uma nova constituição, por uma assembleia constituinte, a educação é direcionada para colaborar na construção de uma cultura democratizante.

Nesse momento Saviani ganha espaço, no campo filosófico e pedagógico, ao propor uma nova perspectiva educacional: a perspectiva histórico-crítica, também chamada de crítico-social dos conteúdos.

Nas últimas décadas as várias concepções são discutidas nos cursos de formação de professores, principalmente os cursos de pedagogia. Mas também são analisadas novas problemáticas, inspiradas em autores como Foucault, Nietzsche, entre outros.

Para aprofundar o conhecimento sobre a história da educação brasileira, veja:



Capítulo I

A filosofia cristã na educação jesuítica no Brasil

Figura 3 – Ruínas Jesuíticas de São Miguel das Missões - RS



Fonte: Pixabay.

Desde a chegada dos colonizadores portugueses na terra *Brasilis*, o Estado conta com a colaboração da Igreja Católica. Há um acordo formal chamado de Padroado, por meio do qual o catolicismo é a religião oficial e os sacerdotes seculares, funcionários do Estado Português.

Os religiosos Jesuítas chegam ao Brasil em 1549 e permanecem até 1759 quando são expulsos pelo Marquês de Pombal. Uma das principais formas de atuação destes religiosos é a catequese e a educação.

A Ordem da Companhia de Jesus é instituída em 1534, com objetivo de combater as ideias da reforma protestante. No Brasil, fundam diversas escolas, educam filhos de colonizadores, catequisam indígenas e africanos, sob a lógica cristã. Também ajudam na difusão e uniformidade da língua portuguesa em todo o território.

A educação promovida pelos Jesuítas tem como base um documento chamado de *Ratio Studiorum*, publicado em 1599. Segundo FRANCA (1952), o ponto central do ensino jesuítico é a formação religiosa. Este documento organiza o ensino priorizando o ler e escrever. Há uma base Escolástica e Tomista em todo o Ensino, cujas raízes encontram-se na medievalidade cristã que pretende evitar que os educandos aproximem-se da cientificidade da modernidade.

Para compreender melhor a educação jesuítica no Brasil ler:



O trabalho realizado pelos Jesuítas, pela educação e catequese ajuda a domesticar ou civilizar os indígenas. Eles fundam inúmeras Reduções e, aos poucos, modificam a cultura e inserem princípios do cristianismo e da civilização europeia.

As reduções ajudam os colonizadores. Os bandeirantes atacam as missões e capturam os indígenas que encontravam adaptados.

Os Jesuítas defendem os indígenas, não aceitando que sejam capturados pelos Bandeirantes. Com isso se estabelece um conflito com os interesses do Estado Português. Este foi um dos motivos da expulsão dos Jesuítas de todo o território português, por meio da política instituída pelo Marquês de Pombal (CARVALHO, 1978).

Para compreender melhor as reduções jesuíticas, assista o filme *A missão*.



A prática pedagógica dos Jesuítas é uma forma tradicional de ensino. Para entender melhor verifique o quadro abaixo.

Quadro 1 - Educação tradicional

Papel da escola	Transmitir conteúdos.
Papel do aluno	Receptor passivo.
Relação professor - aluno	O professor é a autoridade e o aluno é submisso e passivo. Impõe-se a disciplina.
Conhecimento	Dedutivo / é o acumulado de toda a civilização ocidental.
Metodologia	Aulas expositivas, exercícios de reforço, memorização.
Conteúdos	Repassados pelo professor como verdades absolutas. Separados da experiência.
Avaliação	Medir o desempenho pela quantidade de conteúdos assimilados.

Fonte: Quadro elaborado por João Carlos Corso em junho de 2018

Positivismo, Liberalismo, Estado Laico: a filosofia positivista na educação brasileira

A educação brasileira também tem forte influência da filosofia positivista (RIBEIRO JUNIOR,1994), principalmente do pensamento de Augusto Comte.

Leia: Auguste Comte, o homem que quis dar ordem ao mundo



Para Comte a humanidade chega ao estágio positivo após ter superado o estágio teológico ou mitológico e, também, o estágio metafísico ou abstrato. Com o desenvolvimento da ciência moderna a positividade é possível.

Há confiança total de Comte na cientificidade, tornando-a, inclusive, uma espécie de crença na ciência. Essa crença dá a entender que a humanidade não necessita mais nem da religião, nem da filosofia, pois a ciência traz cura para todas as enfermidades, a ciência soluciona todo e qualquer problema.

A educação constitui-se num dos meios de construção da sociedade positiva. A escola ajuda a erigir a ordem social necessária, por meio da disciplina e do ensino objetivo. O conhecimento divulgado ajuda no progresso da humanidade.

Para ele o ser humano, enquanto indivíduo passa por todos os estágios, na infância se prende ao mito, logo depois às abstrações e fantasias e por fim, por meio da educação, chega ao estágio científico. Portanto a escola tem um papel fundamental ao forjar, no indivíduo, a racionalidade científica. O positivismo apresenta uma espécie de lema que afirma: “O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim.”

Para aprofundar essa discussão ver:



Para ilustrar como o positivismo é absorvido pelos indivíduos e, ao mesmo tempo, fazendo a crítica ao sistema de pensamento, Machado de Assis escreve um conto chamado *O alienista* vale a pena conferir:



Machado de Assis é um intelectual à frente do seu tempo, pois no momento em que o positivismo é a teoria mais influente no Brasil, ele elabora a crítica da corrente.

O positivismo também está muito presente nos primeiros tempos da República. Os intelectuais positivistas são muito ligados ao movimento republicano. A própria bandeira é uma espécie de propaganda do ideário positivista com o lema: Ordem e Progresso.

Figura 4 - Bandeira Nacional do Brasil



Fonte: Historiadigital.org

Vale a pena visitar a página acima para perceber que há uma história na concepção desse símbolo brasileiro.



O liberalismo e a Educação

O liberalismo é uma teoria econômica que mostra como se estruturam as relações num mercado capitalista. Mas é típica do liberalismo a perspectiva de que cada indivíduo tem certa vocação e esta colabora para o progresso social.

John Locke reconhecia que todos os indivíduos são apenas *tabula rasa* ao nascer, iguais ao nascer. Mas a educação leva à formação de grupos diferenciados. Locke não é favorável à universalização do saber. Para ele, os mais ricos recebem uma educação para que possam governar e os mais pobres recebem uma educação técnica, útil ao trabalho e que favorece a subordinação.

No texto a seguir Ferraro mostra como o liberalismo, introduzido no Brasil, tem mais relação com Mandeville do que Adam Smith.



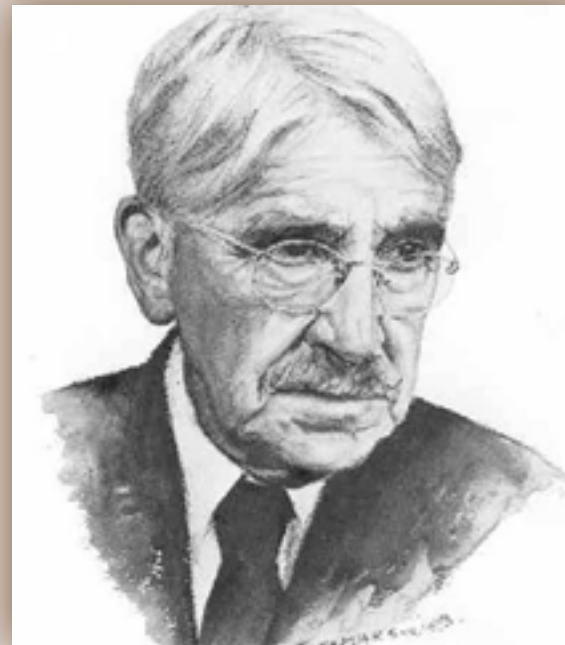
No site, uma imagem que representa a revolução francesa, com seus ideais de liberdade, fraternidade e igualdade.



Capítulo III

A Escola Nova: Dewey

Figura 5 - Dewey



Fonte: John Dewey.edu.np

Dewey percebe que o mundo passa por transformações, na forma de produzir e no uso das tecnologias.

A escola, na visão dele, não pode ficar alheia às mudanças. É uma instituição que também precisa mudar para superar a visão tradicional de educação. Neste sentido Dewey, Anísio Teixeira e outros elaboram uma concepção filosófica para superar a concepção de educação tradicional.

Dewey compreende a filosofia não como sistema dogmático, mas como uma reflexão a respeito da experiência humana, na realidade concreta. Ele valoriza o

saber prático, as ciências enquanto método experimental. Para Dewey (1959) a filosofia e a ciência ajudam a pensar um projeto de sociedade, no caso uma sociedade democrática.

Essa concepção de filosofia aberta à mudanças é levada para área da educação. É nela que a mudança é acolhida, pois o educando quando entra na escola está passando por transformações: da infância para fase adulta, de analfabeto para leitor.

No texto a seguir Marcos Vinicius da Cunha analisa o pensamento de Dewey a partir da noção de movimento. Vamos à leitura, para aprofundar.



Ao se observar a educação tradicional, percebe-se que a Escola Nova se coloca totalmente em oposição. Enquanto a educação tradicional centraliza tudo em torno dos conteúdos e da disciplina, a Escola Nova valoriza o aluno e o método de ensino.

Para entender melhor as mudanças que ocorrem na educação a partir da Escola Nova é interessante analisar o filme *Sociedade dos poetas mortos*. O foco é nas diferentes posturas dos professores, representados no filme.



Quadro 2 - Liberal Renovada ou Escola Nova

Papel da Escola	Necessidades de cada indivíduo, o aluno é o centro, proporciona experiências de aprendizagem.
Papel do aluno	Experimental, conhecer,
Relação professor-aluno	O professor é um auxiliar nas experiências, relação democratizante
Conhecimento	Algo inacabado, estruturado nas experiências cognitivas
Metodologia	Aprender a aprender, aprendizado pela experiência.
Conteúdos	Determinado pela experiência
Avaliação	Qualidade vivenciada, o processo de ensino é mais significativo do que o resultado.

Fonte: Tabela elaborado por João Carlos Corso em junho de 2018

A perspectiva da Escola Nova provoca um enorme rompimento em relação à escola tradicional. Mas no período da Ditadura Militar houve um grande retrocesso por meio da implantação da educação tecnicista. Esse tecnicismo é uma espécie de escola tradicional na versão mais técnica. Verifiquem no esquema a baixo e comparem com o esquema da Escola Nova e da escola tradicional.

Quadro 3 - Tecnicismo

Papel da escola	Formar indivíduos competentes para o mercado de trabalho
Papel do aluno	Assimilar e reproduzir o que recebe nas aulas
Relação professor-aluno	O professor tem domínio técnico e é eficiente, o aluno recebe o treinamento
Conhecimento	Domínio de todo o manual técnico
Metodologia	Uso de técnicas para atingir os objetivos: cópia, treino, repetição
Conteúdos	Baseados em princípios científicos, por meios de manuais, apostilas e módulos de autoestudo.
Avaliação	Assimilação quantitativa do conteúdo

Fonte: Quadro elaborado por João Carlos Corso em junho de 2018

A concepção tecnicista da educação embasa-se na teoria comportamentalista, conhecida como Behaviorismo, principalmente a partir das ideias de Skinner.

Com o argumento de produzir uma educação baseada na neutralidade científica, estruturou-se um ensino com o objetivo do repasse de informações necessárias à produtividade no campo econômico. Nesse sentido, a educação é, totalmente, atrelada ao trabalho, visando a formação de mão de obra técnica.

Figura 6 - Linha de Produção



Fonte: Pixabay.com

A concepção tecnicista, segundo Saviani (2009) reorganiza a educação visando a produtividade. Esse ensino compreende um enfoque sistemático, com microensino, ensino com apostilas, etc.

Para aprofundar, ver:



Capítulo IV

As filosofias da educação progressistas: Anarquista, Libertadora de Paulo Freire e a Perspectiva Crítico Social dos conteúdos

Nesta parte trata-se as posturas filosóficas, consideradas progressistas, por diversos autores. O sentido de progressista tem direta relação com os objetivos da educação, nessas posturas, pois entendem que a educação é um dos meios de transformação da realidade social.

Figura 7 - Perspectiva libertária



Fonte: Dantonmedrado.com.br

A primeira a ser analisada é a perspectiva libertária, um modo de pensar a educação segundo o movimento anarquista. Este movimento é estruturado no início do século XX, a partir das experiências dos que colaboram com a organização dos operários. Concebem a necessidade de ações educativas, principalmente com os filhos dos operários, que não recebiam educação, do Estado, naquele momento.

Nos anos 80 há um novo elemento nesta compreensão. Muitos teóricos da educação estão fascinados com as experiências de uma escola chamada Summerhill, tornada pública por meio de Neill.

Como é uma postura anarquista, dificilmente é uma teoria adotada pelo Estado, até porque faz muitas críticas ao aparato do Estado. Segundo essa compreensão, toda e qualquer forma de hierarquia é combatida. Nesse aspecto, a educação não é vertical, tem uma relação de proximidade com os anseios dos alunos. Outra característica é a não diretividade. O professor não impõe nada, apenas se apresenta disposto a ajudar. Os educandos são os sujeitos do processo educativo. Silvio Gallo (1995) reflete sobre a filosofia da educação anarquista e compreende que a autoridade é vista como algo negativo, por isso a autogestão é valorizada.

O texto de Oliveira ajuda a aprofundar o tema:



Quadro 4 - Educação libertária

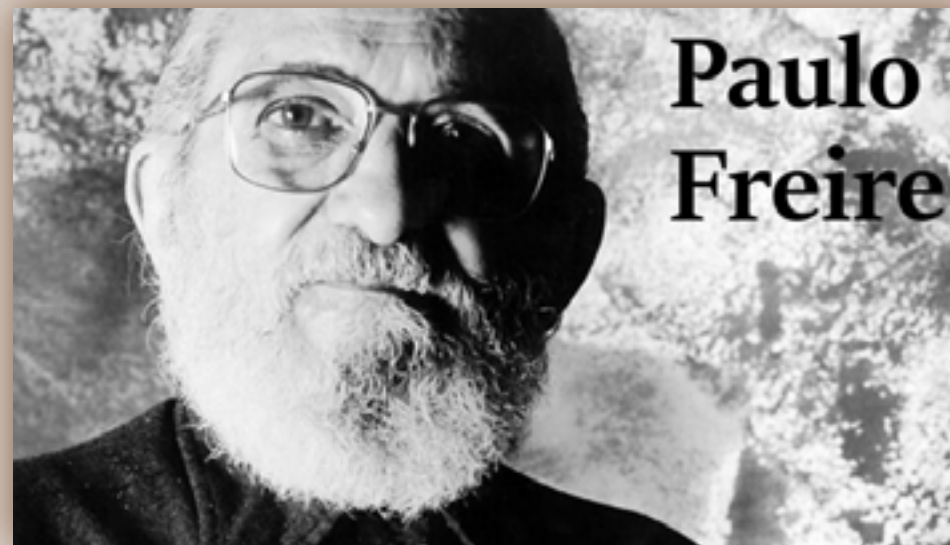
Papel da escola	Transformar o aluno no sentido libertário e autogestionário.
Papel do aluno	Refletir a realidade, as causas da opressão, engajando-se na luta pela libertação de todas as formas de opressão.
Relação professor-aluno	Professor é um conselheiro, um monitor à disposição do aluno
Conhecimento	Reflexão sobre a cultura e demais temas de interesse dos alunos
Metodologia	Não diretiva, liberdade aos alunos para se expressarem.
Conteúdos	São apresentados conteúdos ligados à cultura e demais, mas não impostos pela educação.
Avaliação	Autoavaliação

Fonte: Quadro elaborado por João Carlos Corso em junho de 2018

Perspectiva Libertadora

A pedagogia libertadora tem como principal teórico Paulo Freire, mas expressa um pouco do que são os movimentos de alfabetização do final dos anos 50 e 60. A obra de Freire *Pedagogia do Oprimido* é a principal base teórica para a estruturação de uma perspectiva de educação libertadora.

Figura 8 - Paulo Freire



Fonte: Pensarcontemporaneo.com

Esta concepção filosófica da educação traz elementos do marxismo e do cristianismo de libertação (teologia da libertação). Para ele a educação proporciona a tomada de consciência das opressões sofridas pelo sujeito e ajuda no engajamento político e social.

Sua proposta é uma contraposição à educação tradicional, chamada por ele de bancária (FREIRE, 1987), pois faz com que o professor deposite conteúdos na cabeça dos alunos, sem diálogo. Entende que a educação bancária é opressora, pois forma corpos dóceis, disciplinados a obedecer e sem consciência crítica.

No texto a seguir Miriam Furlan Brighente e Peri Mesquita refletem sobre as implicações da educação bancária e libertadora sobre o corpo:



A educação libertadora tem como objetivo a humanização dos sujeitos, maior emancipação humana. Desse modo é uma educação que contribui para a transformação social.

Para Freire, a liberdade tem relação direta com o desenvolvimento da consciência, que deve ter condições de entender criticamente a realidade. A educação como prática da liberdade, pelo diálogo, questiona as bases das posturas autoritárias da educação tradicional.

O diálogo é importante, mas só ocorre se, além da fala do professor, também há a escuta. Para que haja diálogo verdadeiro é necessário, segundo Freire, relação de respeito, tolerância, humildade. É necessário acreditar nas pessoas, ter fé nas pessoas, ter empatia. Percebe-se que a proposta de Freire é profundamente marcada por uma ética cristã e humanitária.

No texto a seguir é possível aprofundar a discussão, principalmente no sentido da possibilidade de pensar um currículo no sentido da educação libertadora. As autoras Marília Gabriela de Menezes e Maria Eliete Santiago pensam essa possibilidade curricular. Vamos à leitura:



Ainda para aprofundar o conhecimento sobre a educação libertadora analise o vídeo a seguir, em que Paulo Freire expõe a influência cristã e marxista do seu pensamento.



No próximo vídeo Paulo Freire fala sobre o seu livro mais importante *Pedagogia do Oprimido*. Confira:



Quadro 5 - Resumo esquemático da Educação Libertadora

Papel da escola	Enfatiza a educação não formal, reflete as relações do homem no seu meio.
Papel do aluno	Refletir a realidade, as formas de opressão e suas causas e utilizar esse conhecimento para o engajamento visando a libertação.
Relação professor-aluno	Relação horizontal, aluno sujeito do ato de conhecer, relação pautada no diálogo.
Conhecimento	O ser humano elabora cultura a partir da reflexão sobre seu contexto, criando resposta aos desafios.
Metodologia	Participativa, todos construindo o conhecimento.
Conteúdos	Temas geradores relacionados com a vida do educando.
Avaliação	Autoavaliação

Fonte: Quadro elaborado por João Carlos Corso em junho de 2018

Perspectiva Histórico-crítica

O professor Dermeval Saviani é o idealizador de uma postura educacional chamada por uns de Histórico-crítica e por outros de Critico-social dos conteúdos.

O foco desta concepção de educação é na transmissão de conteúdos, mas não do modo tradicional, no qual apenas se fazia o depósito na cabeça das crianças, mas de um modo crítico e partindo do contexto histórico e social em que o educando está inserido.

Nesta postura o objetivo é trabalhar conteúdos necessários para que o educando emancipe-se e aja na sociedade com consciência crítica e com conhecimentos que possibilitem a democratização do saber.

A preocupação de Saviani (2005) é elaborar uma concepção de educação progressista a ser inserida no sistema educacional, principalmente porque as perspectivas libertária e libertadora têm um caráter mais informal e são ligadas à práticas dos movimentos sociais, enquanto que a perspectiva histórico-crítica é aplicável na escola, principalmente no final da Ditadura Militar quando se objetiva reformar a educação.

Um pouco de história: no texto a seguir você tem acesso a uma pesquisa sobre a história da implantação da perspectiva crítico social dos conteúdos, no Estado do Paraná. A autora Alexandra Vanessa de Moura Baczinski é professora da UNIOESTE.



No texto a seguir há a possibilidade de ampliar a discussão e a compreensão dos fundamentos da perspectiva histórico-crítica.



No vídeo a seguir Dermeval Saviani fala sobre a construção da pedagogia histórico-crítica.



Quadro 6: Perspectiva Crítico Social dos Conteúdos

Papel da escola	Trabalhar conteúdos que tenham relação com a realidade do aluno, colaborar na formação crítica, preparar para participação ativa e crítica na sociedade.
Papel do aluno	Sujeito histórico, ser social, ativo.
Relação professor-aluno	Professor é autoridade competente, mediador entre conteúdos e alunos.
Conhecimento	Construído pela experiência pessoal e subjetiva.
Metodologia	Parte da experiência do aluno e contrasta com o saber cultural.
Conteúdos	Conhecimentos produzidos pela humanidade, reavaliados pela realidade social.
Avaliação	Permanente e contínua, avalia o aluno e o professor.

Fonte: Quadro elaborado por João Carlos Corso em junho de 2018

Capítulo V

Filosofias problematizadoras: Nietzsche, Foucault, Morin

Nietzsche

O filósofo alemão, Frederick Nietzsche, faz várias críticas à educação de seu tempo, pois entende que o objetivo educacional é formar apenas para cumprir os interesses do Estado, da ciência e do mercado. Questiona a educação que valoriza elementos comuns aos indivíduos, nivelando, ao invés de fazer aflorar as singularidades.

Figura 9 - Nietzsche



Fonte: Pixabay.com

Nietzsche não concorda com a perspectiva da uniformização. Percebe que se valoriza a memória, mas esquece-se de valorizar a ação e a criatividade.

Ainda no século XIX, na Alemanha já não há analfabetismo, mas, na visão de Nietzsche há uma contradição, pois ao mesmo tempo em que se amplia a cultura letrada, reduz-se a cultura por meio da especialização. A educação chega a um número maior de pessoas, não para a democratização do saber, mas pela necessidade do mercado e do próprio Estado. Ele entende que a especialização tem relação direta com a divisão do trabalho nas ciências e que isso gera a especialização do erudito. Desse modo, o cientista especialista fica acima do sujeito simples.

Também faz crítica à cultura jornalística, pois entende que o jornal, enquanto meio de comunicação de massa, não promove a cultura, promove, apenas, a massificação. Quanto mais universalidade da cultura, mais mediocridade.

Para Nietzsche (2004) educar para o mercado de trabalho, para chegar a conquistar um cargo, um emprego, não é cultura, apenas sobrevivência. A cultura está além da pura sobrevivência.

Também entende que a educação praticada destrói a noção de educador como modelo, como um mestre. Mestre é aquele que tem coerência entre o que afirma e o que vive. Percebe que as universidades ministram um ensino de ciência desligado da vida, produzindo eruditos, sem preocupação com a humanidade.

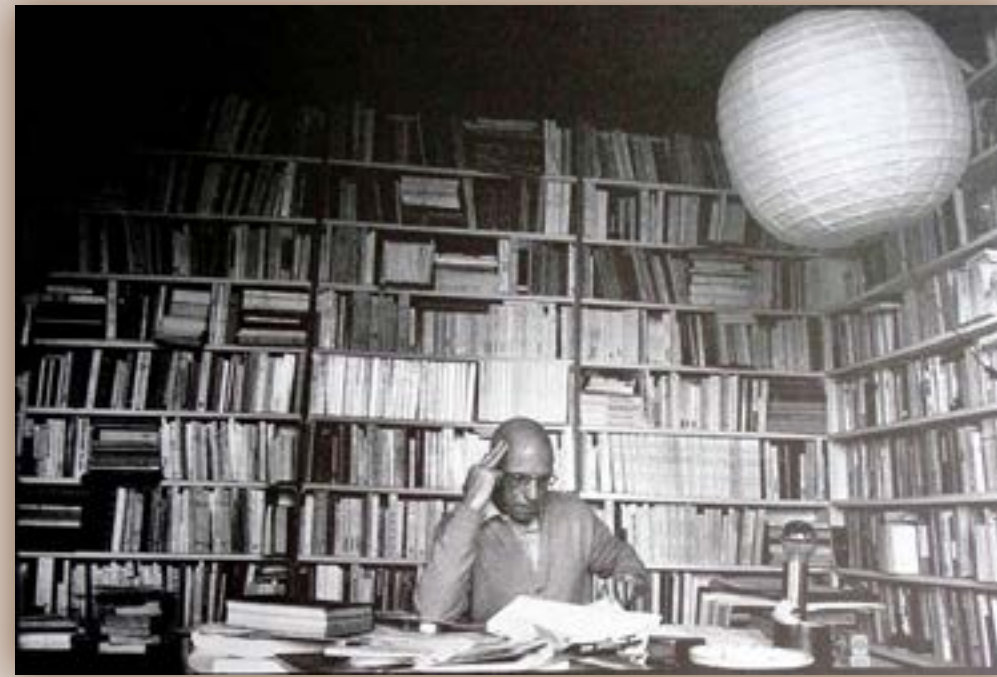
Para aprofundar a compreensão sobre Nietzsche e a educação ler:



Foucault

Outro filósofo que analisa criticamente a educação é Michel Foucault, que tem como um dos focos de sua pesquisa a instituição escolar e as pedagogias da sociedade moderna.

Figura 10 - Foucault



Fonte: Notaterapia.com.br

Ele mostra que categorias de pensamento não são eternas, são construções históricas. A noção de homem objeto emerge na idade moderna e possibilita pensar estruturas que modificam o corpo e a mente. A escola é uma dessas estruturas.

As instituições modernas como hospitais, prisões, manicômios, escolas são consideradas aquelas que dão assistência e proteção às pessoas. Mas também

são tecnologias políticas, arquiteturas do poder. Foucault mostra como essas instituições são instauradas para vigiar e, também, para punir (2008).

Afirma que há diversas formas de poder na sociedade moderna e o Estado é uma delas. Porém todas as formas de poder, necessariamente, estabelecem formas de saber em que o conhecimento se relaciona diretamente e justifica o poder. Não basta analisar o poder apenas do governante, mas o micro poder (FOUCAULT, 1979).

A escola é a instituição que retira o sujeito do seu lugar social ou familiar e o aprisiona, por longos períodos. Ali disciplina o corpo e as formas de pensar.

A disciplina ocorre porque o sujeito disciplinador está presente e, mesmo quando ausente, há a nítida sensação de que se está vigiado. Com isso, ocorre a internalização da disciplina. Nesse aspecto, Foucault ajuda a pensar nas novas formas de vigiar e punir por meio de câmeras instaladas não só na escola, mas nas ruas, nas lojas, nas igrejas, nas casas (as pessoas instalam câmeras nas suas casas para proteção, mas com isso permitem que alguém as vigie dia e noite. O espaço privado, praticamente, desaparece).

O texto a seguir aprofunda o tema.



Foucault escreve um livro intitulado *Vigiar e punir* (2008), no qual mostra como a prática do poder é associada a conhecimentos, saberes produzidos e que a disciplina é fruto do saber/poder.

O poder disciplinar não está no exterior, ocorre nos corpos. O objetivo do poder disciplinar é fazer com que os indivíduos sejam produtores de riqueza e, ao mesmo tempo, obedientes, não críticos. São corpos dóceis.

O poder da norma se impõe nas micropenalidades de tempo, de modo de ser, de fala, do corpo, da sexualidade. O poder é positivo, produz realidade por meio da ideia de garantir o bem-estar e estabelece polaridades como bom e mau aluno, por exemplo.

Também há técnicas de poder, mesmo quando, na maioria das vezes, não há violência física, somente simbólica. E o poder se estabelece nas relações professor x aluno, diretor x professor, professor x funcionário, professor x pais, etc.

Para ampliar essa discussão é necessário estudar o texto:



Edgar Morin

Para Morin pensar a educação é algo necessário, mas não pode ser feito de modo simplificado. Só o conhecimento complexo é capaz de ampliar o conhecimento, ligar as coisas que são distintas e separadas. O conhecimento é multidimensional.

Figura 11 - Morin



Fonte: Revistaprosaveroarte.com

Sem dúvida é mais fácil pensar de modo simplificado, agir de modo simplificado, porém o pensamento complexo, apresentado como algo que exige muito mais esforço, abre novas possibilidades de conhecimento. No texto a seguir Flavia Nascimento Ribeiro apresenta o pensar complexo:



Para Morin é necessário educar não somente o educando, mas também o educador. Ele entende que há que superar a especialização, a simplificação e a fragmentação do saber. A saída é a complexidade (MORIN, 2005), pois percebe que as disciplinas não dialogam, apesar de o conhecimento não ter fronteiras definidas.

Ele também concebe que o conhecimento não é algo exclusivo da escola, nem da família, mas é algo que se aprende nas mais variadas relações do sujeito com a sociedade, com a natureza, etc.

Na entrevista a baixo compreende-se melhor o pensamento de Morin sobre a educação. Leia e assista os vídeos inseridos na mesma matéria.



Considerações Finais

Figura 12 - Problematizando



Fonte: Pixabay.com

Diante de um mundo cada vez mais conectado e dependente das tecnologias, cabe questionar se é possível produzir conhecimento em meio ao excesso de informações. O uso constante de tecnologias, como o celular e todas as suas ferramentas, provoca um avanço significativo na obtenção de informações, inclusive de pesquisa.

Mas o excesso de informações e a velocidade gerada pelas tecnologias criam dificuldade de atenção. Quanto maior a velocidade da informação menor é a paciência. Quando a tecnologia não funciona adequadamente, gera um estado de grande irritabilidade.

Figura 13 - Mundo Virtual



Fonte: Pixabay.com

Há uma grande democratização das informações, principalmente para aqueles que dispõem de um computador e acesso à rede de *internet*, porém não há condições, ainda, de avaliar com precisão todas essas mudanças, incluindo a formação de profissionais por meio de Ensino a Distância.

O conceito modernidade líquida, formulado por Bauman, ajuda a compreender o contexto atual.



Para aprofundar mais sobre as reflexões de Bauman ver:



Também é fundamental pensar a educação, no Brasil, a partir dos acontecimentos dos últimos anos, como o impeachment da Presidente Dilma, em 2016, mas principalmente a implantação da nova Base Curricular (BNCC) e a reforma do ensino médio.

A matéria jornalística a seguir ajuda a começar a refletir.



A reforma do ensino Médio modifica alguns pontos que merecem atenção. Um exemplo é o fim da obrigatoriedade do ensino de Sociologia, Filosofia, Artes e Educação Física.

Outra questão é que torna possível a atuação de profissionais que não têm formação de educadores, pois a regra do notório saber possibilita que profissionais das mais diversas áreas atuem no ensino.

Ainda é necessário pensar se o ensino Médio deve ter como meta apenas a formação profissional, não sendo necessário dar uma formação integral a todos os jovens, independente da classe social a que pertencem.

Para aprofundar esse tema ver:



É fundamental compreender as implicações geradas pelas mudanças de governo, como a polarização política. As divergentes leituras, sobre os acontecimentos que levaram à retirada do poder da Presidente Dilma, também geram implicações no contexto educacional.

O artigo a seguir ajuda a entender a realidade em que se está inserido:



Além disso alguns autores apontam que muitas das mudanças propostas pelos governos, como a diminuição dos investimentos em educação, têm relação direta com novas demandas impostas pelo capital financeiro internacional.

O artigo a seguir auxilia a entender a crise do capital com a problemática da educação brasileira.



Por fim, é importante ressaltar que a Filosofia da Educação está em constante processo de construção e que, você estudante desta disciplina, pode contribuir com as pesquisas nesta área.

No texto a baixo Silvio Gallo apresenta reflexões a respeito deste conceito aplicado na realidade brasileira.



Percebam que a Filosofia da Educação não é uma disciplina de domínio exclusivo dos filósofos, pois ela se estrutura a partir das necessidades que surgem com a formação de educadores brasileiros. Portanto, todas as licenciaturas têm o potencial de pensar os desafios que a educação apresenta, refletir as dificuldades, propor caminhos.

Leia: A origem da filosofia da educação brasileira está atrelada à preocupação com a formação de professores?



Esperamos que este e-book contribua para novos olhares, novas perspectivas de análise, novas formas de pensar a educação.

Figura 14 - Abertura ao conhecimento



Fonte: Pixabay.com

Referências

CARVALHO, Laerte Ramos de. *As reformas pombalinas da instrução pública*. São Paulo: Saraiva/Edusp, 1978.

DEWEY, John. *Democracia e educação*. Introdução à filosofia da educação. São Paulo: Nacional, 1959.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GADOTTI, Moacir. *História das ideias pedagógicas*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2002.

GALLO, Silvio. *Pedagogia do risco: experiências anarquistas em educação*. Campinas: Papyrus, 1995.

FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas: o Ratio Studiorum*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NIETZSCHE, Friederich. *Escrito sobre educação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

RIBEIRO JUNIOR, João. *O que é positivismo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. Campinas: Autores Associados, 2009.

_____. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO
PARANÁ - UNICENTRO

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Prof. Ms. Cleverson Fernando Salache
Coordenador Geral Curso

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do Curso

Prof. Ms. Ari Schwans
Coordenador de Tutoria

Prof. Ms^a. Marta Clediane Rodrigues Anciutti
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica

Espencer Gandra
Murilo Holubovski
Designers Gráfico

Alain W. / Noun Project
Aybige / Noun Project
Free-photos / Pixabay
Ninocare / Pixabay
Elementos gráficos